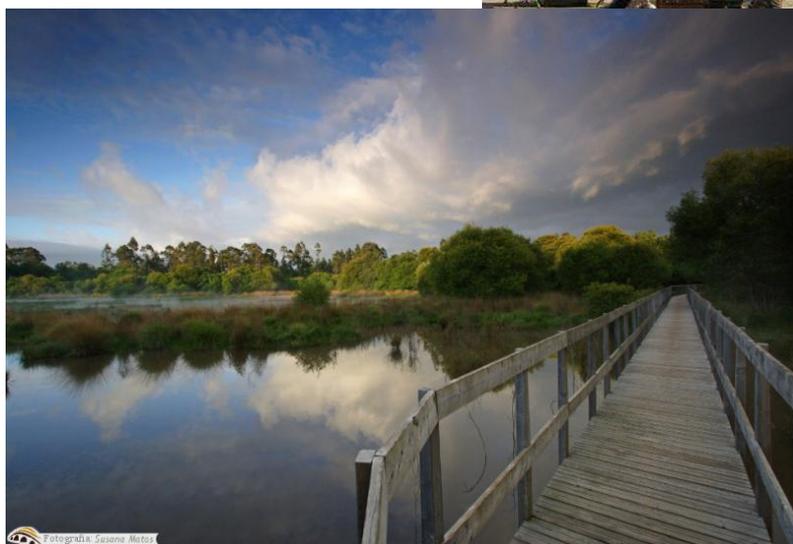


Helena Pina

António Barros Cardoso

O Vale do Lima:
um espaço onde
a tradição e a
inovação se
conjugam



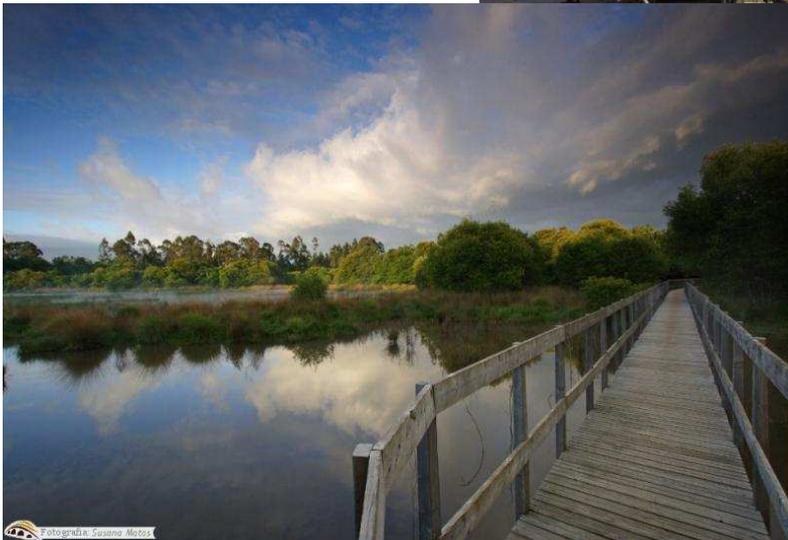
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2016

Helena Pina

António Barros Cardoso

**O Vale do Lima:
um espaço onde
a tradição e a
inovação se
conjugam**



Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016

Título: O Vale do Lima: um espaço onde a tradição e a inovação se conjugam

Autores: Helena Pina, António Barros Cardoso

Editor: UNIVERSIDADE DO PORTO – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2016

ISBN: 978-989-8648-76-1

Contacto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/n

4150-564

Porto

E-mail sdi@letras.up.pt

* Este texto corresponde a um guia de apoio a uma visita de estudo ao Vale do Lima, realizada no âmbito das XI Jornadas Internacionais sobre Grandes Problemáticas do Espaço Europeu.

Ponte de Lima – Representações de um espaço vivido

António Barros CARDOSO

Departamento de História e Estudos Políticos e Internacionais. FLUP

APHVIN – Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho.

abarroscardoso@sapo.pt; aphvin@gmail.com.

Vila mais antiga de Portugal é o estatuto que Ponte de Lima reclama, não sem uma ponta de orgulho. A razão prende-se com o facto de a rainha D.^a Teresa lhe ter concedido foral, em 1125. De facto, desde essa data e, pelo menos, até ao século XV, a Vila de Ponte, como também é conhecida, foi considerada capital do Alto Minho. É por ela que conduziremos os nossos passos, numa visita de estudo na perspetiva da História a que a Geografia dá o nome de Saída de Campo, a realizar no dia 29 de Maio de 2016 e enquadrada nas XI Jornadas Internacionais “Grandes Problemáticas do Espaço Europeu”.

Museu dos Terceiros

Começamos o nosso percurso pelo *Museu dos Terceiros*. Um conjunto arquitetónico de expressão cultural, digno de visita. A Ordem dos Frades Menores no Norte de Portugal, longe de ser tão disseminada nesta área do país quanto a ordem Beneditina, ou a fundada pelos dissidentes desta – os Cistercienses – Ordem guiada por São Bernardo, ou ainda pelos monges Crúzios de Coimbra, conheceu, contudo, alguma expressão em terras nortenhas. A especificidade espiritual das ordens mendicantes e em particular a experiência franciscana, vocacionada especialmente para atividades pastorais urbanas, também esteve presente em Ponte de Lima, após ter logrado vencer as resistências da hierarquia secular à sua fixação, em urbes marcantes do espaço nordestino português, como Guimarães e Porto. Assim aconteceu no lugar de Vale de Pereiras, nas cercanias da Vila Ponte de Lima, em 1360. Este espaço encerra um museu de arte sacra, que, enquanto tal, nasceu nos anos 60 do século passado.

As obras de recuperação de que a Igreja Matriz beneficiou, deram o mote para a transformação do espaço do antigo convento dos Franciscanos em espaço museológico, que incorpora hoje peças de outros lugares de culto do concelho de Ponte de Lima. 1975, foi o ano em que o projeto tomou feição definitiva, através da fundação do *Instituto Limiano – Museu dos Terceiros*. Mais tarde, uma parceria entre este Instituto e o Município de Ponte de Lima, deu forma ao atual conjunto monumental e à mostra que encerra.

O espaço depois de renovado, foi inaugurado em junho de 2008. A Igreja conventual, que foi alvo de várias intervenções ao longo dos séculos, guarda as telas que decoravam o altar-mor da Igreja Matriz de Ponte de Lima, bem como as imagens que fizeram parte dos altares laterais do mesmo templo. Merece uma referência especial, o espaço da ante sacristia do convento, que foi capela privada de Paulo Pereira Cristóvão, e a sacristia, que reúne várias peças de arte sacra, de entre as quais se destaca, em plano central, uma imponente Pietá. Relevamos ainda a coleção de pintura sobre tela, que decora todo o espaço. O museu reúne hoje cerca de 4000 peças. Destacamos nesse espólio, elementos representativos da arte de ourivesaria do norte de Portugal.



Fotos 1 e 2- Museu dos terceiros e retábulo de N.ª S.ª da Graça – Museu dos Terceiros.

A cerca de Ponte de Lima

No século XIV o sistema de defesa da Vila de Ponte de Lima já se encontrava edificado, referimo-nos à velha cerca de muralhas (Fig. 1), embora amiúde nos seus anais se levante a hipótese académica de ter havido uma muralha anterior, suposição não confirmada por vestígios arqueológicos ou documentais. A progressiva afirmação de núcleos populacionais rurais que se transformariam em urbanos durante a Baixa Idade Média, pólos aglutinadores de gentes e conseqüentes trocas comerciais, arrastou consigo dinâmicas alfandegárias sobre o simples trânsito de pessoas, mas também de mercadorias.

Ponte de Lima foi um desses casos. Situada desde o período romano numa encruzilhada de caminhos, pelos meados do século XIV, deu-se início às obras da cerca. As vantagens militares, mas também económicas daí decorrentes eram já uma realidade em várias urbes do reino. Uma inscrição colocada na chamada Torre Velha, datada do reinado de D. Pedro, indica 8 de março de 1359, como data inicial das obras desta cerca. Só em 19 de maio de 1370, um documento do rei D. Fernando a dá por concluída. Com mais de um quilómetro de extensão, nove torres protegiam o seu perímetro irregular a aproximar-se do formato ovoide. Incluía a ponte gótica, construída alguns anos antes, onde se implantaram duas torres, em ambas as extremidades da estrutura de travessia do Lima.

Já no século XV foi edificada uma outra torre que aumentou para dez o número destas estruturas presentes no sistema defensivo de Ponte de Lima – a Torre do Castelo – cujo nome deriva do facto de se situar junto à cidadela. No reinado de D. Manuel, ergueu-se a Torre da Cadeia.

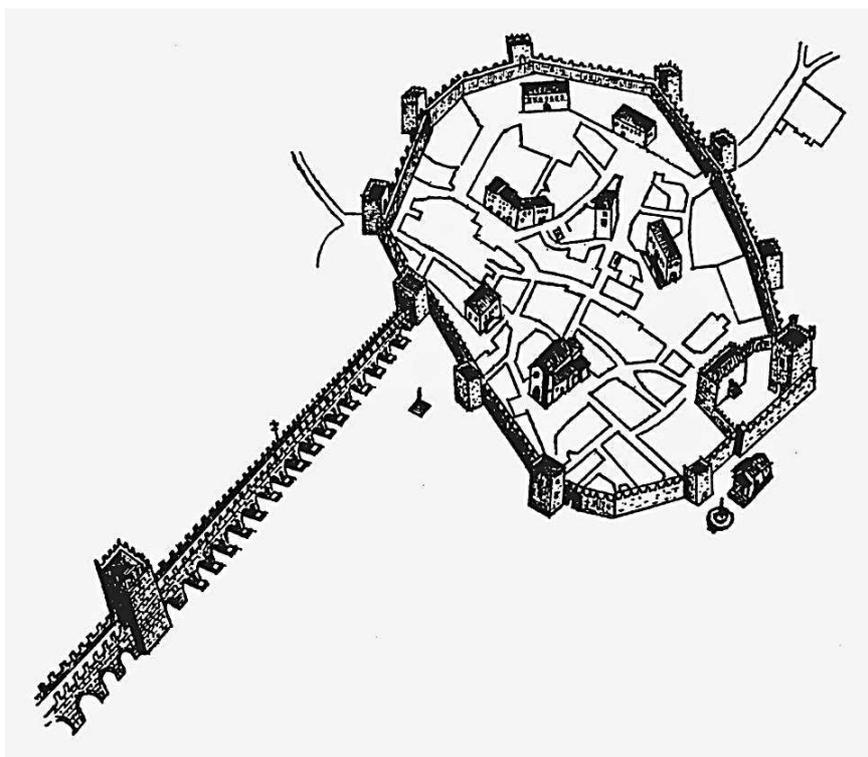


Fig. 1- Planta da cerca limiana.

A ela associou-se a Porta Nova. No local da antiga judiaria da Vila foi então criada uma nova centralidade. Progressivamente a muralha foi sendo destruída, restando apenas um pequeno troço que ainda é possível percorrer.

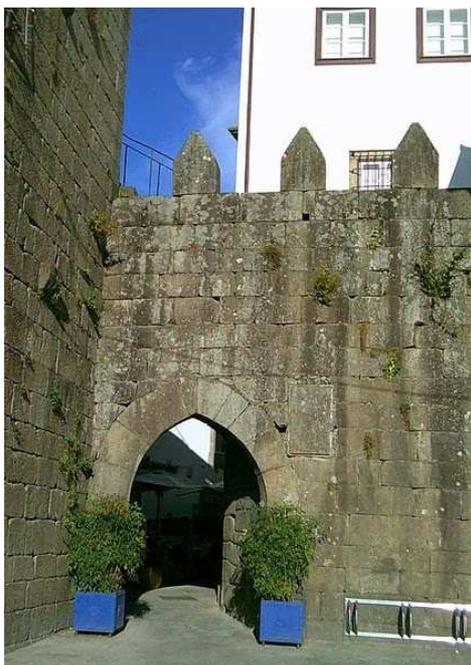


Foto 3 - Arco da Porta Nova de acesso à Judiaria de Ponte de Lima.

O CIPVV - Centro Interpretativo e Promocional do Vinho Verde

A importância estratégica do “Vinho Verde” enquanto recurso económico nacional e da sua valorização como fonte de património histórico-cultural, levaram o Município de Ponte de Lima, em conjunto com a CVRVV - Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes e com a APHVIN/GEHVID - Associação Portuguesa da Vinha e do Vinho, a impulsionar a criação do CIPVV, processo que teve início em 2011.



Foto 4- Centro interpretativo e Promocional do Vinho Verde.

Inaugurado em 4 de Março de 2016, este Centro tem como principal missão preservar testemunhos dos patrimónios materiais e imateriais, mais relevantes da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, bem como, promover e divulgar os vinhos produzidos nas nove Sub-Regiões que a constituem. Trata-se de um espaço dinâmico onde igualmente confluem saberes multidisciplinares que ajudem à valorização de outros recursos endógenos da Região, com destaque para a sua riqueza patrimonial. O CIPVV, embora com sede em Ponte de Lima assume-se assim como uma estrutura regional, que, através de exposições temporárias, cujas temáticas obrigam ao desenvolvimento de investigação fundamental, em vários domínios, e sobre temas que têm enfoque no Vinho Verde.

A coleção fundamental da sua exposição permanente é constituída por peças que o Ministério da Agricultura, a título de comodato, cedeu ao Município de Ponte de Lima e que faziam parte do antigo Museu Agrícola de Vairão (Vila do Conde). Contudo, o seu espólio incorpora ainda materiais de proveniência diversa, entregues por entidades públicas ou privadas (Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, quintas e empresas vitivinícola, particulares, etc.). O Centro Interpretativo e Promocional do Vinho Verde foi concebido não como um espaço de carácter museológico estático. Por isso, incorporará legados patrimoniais que sirvam os objetivos fundamentais da sua função e a dinâmica da sua atividade. Dispõe de um gabinete de investigação permanente que privilegia áreas de inovação no plano da investigação histórica e patrimonial, ligada ao Vinho Verde. O centro de documentação sobre a Região dos Vinhos Verdes, atualmente em constituição, servirá não só de suporte aos trabalhos desenvolvidos pelo gabinete de investigação, como será utilizado pelo público visitante.

O público-alvo que esta estrutura pretende atingir, é muito diversificado. Desde logo, e no que se refere ao escalão etário, envolve os jovens frequentadores das escolas públicas e privadas da Região dos Vinhos Verdes, mas também alunos das Universidades, Institutos Universitários e Politécnicos que a servem. A exposição permanente do CIPVV procura, por isso, corresponder a estes perfis de visitantes, como não olvida os muitos milhares de turistas, nacionais e estrangeiros, que cruzam as diversas rotas regionais, por iniciativa própria, ou inseridos em percursos pré-definidos pelas organizações da atividade turística. Atendeu-se por isso à sua diversidade linguística e cultural. Os seus núcleos expositivos foram arrumados de maneira a servir objetivos fundamentais a saber:

1. Conhecimento da História da Vitivinicultura na Região dos Vinhos Verdes através de um friso cronológico eletrónico, onde o visitante, por sua iniciativa, toma contacto com os principais marcos da História da Região Demarcada dos Vinhos Verdes - Da Civilização Castreja à Romanização no território; - Contacto com a presença monástica na Região; Testemunhos da produção medieval de Vinho Verde; As Quintas do Vinho Verde, etc.
2. O que faz o Vinho Verde – O visitante toma contacto com os diferentes aspetos geográficos da Região Demarcada dos Vinhos Verdes: relevo, clima e solo.

3. Instrumentos usados na viticultura na Região dos Vinhos Verdes. Fases da vitivinicultura;
4. A vindima – como se preparava como se fazia e como se faz.
5. Vinho e transportes. O comércio dos Vinhos Verdes;
6. A entidade reguladora – de 1908 aos nossos dias.
7. Filme ilustrativo da Região dos Vinhos Verdes – História – Patrimónios materiais e imateriais – Os homens que fizeram os Vinhos Verdes.
8. Enoteca – espaço destinado à degustação dos Vinhos Verdes;

Prende a atenção do visitante, o filme que lhe é apresentado e que aglutina aspetos fundamentais da exposição programática do Centro Interpretativo, através de uma visita aos lugares, às vinhas, às quintas, aos mosteiros e colegiadas, às tabernas e às festividades que marcam o ciclo da vinha na Região dos Verdes.

Bibliografia

DANTAS, José Velho – *Catálogo do Museu dos Terceiros*. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2008.

ALMEIDA, Pedro Miguel Brochado de – *A muralha medieval de Ponte de Lima* in “ Ponte de Lima uma Vila Histórica do Minho. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2007.

RODRIGUES, Sandra, MARQUES, Marta. *O contributo da Arqueologia para o Estudo do Centro Histórico de Ponte de Lima* in “ Ponte de Lima uma Vila Histórica do Minho. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2007.

TEIXEIRA, Vitor Gomes – *O Convento de Santo António de Ponte de Lima – da undação à exclaustração* in “ Ponte de Lima uma Vila Histórica do Minho. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2007.

Educação ambiental e preservação do ambiente: o caso da “Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos” (Ponte de Lima)

Helena PINA
FLUP, CEGOT
mpina@letras.up.pt

Apesar de a maior parte do território português ser considerado rural ou predominantemente rural, a diversidade paisagística é a tônica, sobressaindo um complexo mosaico onde a tradição e a modernidade se conjugam, mas também os problemas! É o que sucede no Vale do Lima (NW de Portugal). Com efeito, apesar de todas as potencialidades, nomeadamente em termos paisagísticos, históricos ou patrimoniais (não podemos esquecer que o Vale do Lima foi considerado pelo conde de Aurora como “um alfobre de nobres”), ou ainda culturais, gastronómicos e vitícolas, entre outros, é indisfarçável o declínio demográfico, sobretudo quando nos afastamos dos grandes núcleos urbanos regionais e nos encaminhamos para montante. Acresce o envelhecimento estrutural da população, decorrente da fuga dos jovens para as áreas metropolitanas do litoral, ou para o restante espaço europeu. Consequentemente, são os mais idosos que, por inércia e tradição, permanecem nos meios rurais e dão continuidade a uma agricultura rotineira. Idosos, sem grandes capacidades físicas, vão abandonando progressivamente os seus prédios rústicos, sobretudo os de menores dimensões e mais afastados da sua residência, com acessos difíceis e mal conservados. Este quadro dificulta uma modernização agrícola, razão pela qual são ocasionais os exemplos inovadores, com frequência associados a jovens e à vitivinicultura (Vinhos Verdes, com aposta preferencial nas castas Vinhão e Loureiro).

É o que sucede efetivamente no Vale do Lima (Foto 1). Apesar da existência de veigas com solos profundos e férteis mas muito parcelados, dominam na paisagem explorações agrícolas de área inferior a 2 hectares, dispersos por 5 a 15 blocos, com frequência com áreas individuais inferiores a 1000 m² (Foto 2). Este parcelamento inviabiliza de facto a rentabilidade das explorações agrícolas e a sua continuidade e só o apego ao solo familiar, à herança dos seus antepassados, impele estes agricultores idosos a continuar.

A importância da educação ambiental

Havia que travar esta tendência recessiva. Neste contexto, começam a despontar, ainda nos anos noventa do século passado, algumas iniciativas, se bem que nem sempre as apostas fossem as melhores, multiplicando-se as intervenções humanas pouco consequentes com a PRESERVAÇÃO e a CONTINUIDADE. Havia que repensar esta intervenção mas num quadro indissociável da sociedade e do tecido económico. Assim se multiplicaram as iniciativas de

caráter ambiental, tendencialmente sustentáveis. Na verdade, face à melhoria do perfil da população e à sua consciencialização ambiental e social, mas também dada a maior responsabilização das autarquias, têm sido implementadas infra-estruturas, nomeadamente as “verdes”, tentando melhorar os ecossistemas e minorar os impactes ambientais, enquanto se dilata a eficiência das regiões e a qualidade de vida e a formação dos residentes. Aliás, de acordo com a Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento (Relatório Brundtland – WCED, 1987), cada vez mais tem de se incentivar o uso responsável dos recursos naturais, única forma de não colocar em causa a satisfação das necessidades das gerações futuras.



Foto 1- Uma imagem do Vale do Lima (Fonte: C.M. Ponte de Lima, 2014).



Foto 2 – Um veiga do Lima com o histórico parcelamento da propriedade rústica.
(Fonte: C.M. Ponte de Lima, 2014)

Dada a sua importância, esta noção foi adotada e divulgada pela Conferência das Nações Unidas sobre “O Meio Ambiente e o Desenvolvimento” (1992), transpondo-se também para as políticas públicas, ou ainda para o tecido produtivo e para a gestão empresarial e

ambiental. Tal estratégia ainda se acentuou na “Conferência Mundial das Nações Unidas” (2005), quando se privilegiou a promoção da equidade na distribuição e uso dos recursos, assim como a *satisfação das necessidades básicas do ser humano*: há, efetivamente, que melhorar os padrões de vida, enquanto se tenta preservar ou recuperar a integridade dos sistemas biofísicos.

Por sua vez, também o “Programa das Nações Unidas” (PNUD, 2011) reforçou as vertentes da sustentabilidade e da equidade na distribuição dos recursos. Acresce que no espaço europeu, através da “Estratégia Europeia 2020”, tendo em atenção o crescimento, mas salvaguardando as suas três prioridades (deve ser sustentável, inteligente e inclusivo), também se perspetiva a preservação das tradições, enquanto se inova de uma forma integrada, conducente a um quadro social inclusivo que utilizará de um modo responsável os recursos endógenos.

Estando as questões ambientais presentes em todos os calendários políticos europeus, fácil é compreender a sua ligação com a educação, com a formação e com a responsabilidade, facto que, aliás, alicerçou a “Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005-2014” (Comissão Nacional da UNESCO, 2006). Neste contexto, considera-se que a EDUCAÇÃO AMBIENTAL fundamentará não só a *alteração de comportamentos*, mas também a aquisição de atitudes sociais, culturais e ambientais sustentáveis. Tal, porém, só se consegue multiplicando ações de natureza pedagógica, formativa, numa ação conjugada entre o ensino, o quadro autárquico e a sociedade civil. É neste contexto que abordaremos um exemplo, a “Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos”, localizada no concelho de Ponte de Lima (Fig. 1).

Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos

Integrada na Rede Natura 2000, a Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos (LBSPA) enquadra-se na secção inferior do curso e bacia hidrográfica do Rio Estorãos. Com uma área total de 350 ha, instalou-se, de acordo com o estipulado no Decreto Regulamentar n.º 19/2000 de 11 de Dezembro, no vale do Rio Estorãos, afluente da margem direita do rio Lima, tendo início na freguesia de Estorãos e prolongando-se até à EN 202. É limitada a Este por Bertandos e a Oeste por S. Pedro d’Arcos. Desenvolve-se em torno de duas lagoas e das margens do referido rio Estorãos, numa área de várzea sujeita a diferentes graus de encharcamento, onde predomina a vegetação espontânea higrófila autótone. Este espaço normalmente divide-se em duas sub-áreas:

- a) a “zona das tapadas”, onde se inserem as lagoas, uma maior na margem direita, com uma área de inundação permanente/semi-permanente com cerca de 8,3 ha, e outra menor, na margem esquerda, com inundação sazonal; acrescentam-se as margens do Rio Estorãos bordejadas com galerias de vegetação ripícola; em torno

destes elementos surgem pastagens naturais, normalmente limitadas por sebes de folhosas; formam-se ainda neste espaço bosquetes, em expansão, de folhosas e árvores isoladas de resinosas, com exceção da colina contígua à lagoa maior, onde existe um povoamento florestal à base de pinheiros;

b) a “zona das veigas” abrangendo a veiga de Bertandos e a de Sobreiro, onde prossegue a prática da agricultura em moldes tradicionais, uma policultura onde ao milho, cultura de primavera/verão, se segue o azevém e/ou outras gramíneas no período de outono/inverno; embora em espaços muito limitados, encontramos ainda pequenas manchas de vinha em bordadura, ou mesmo olival disperso nos espaços limítrofes.

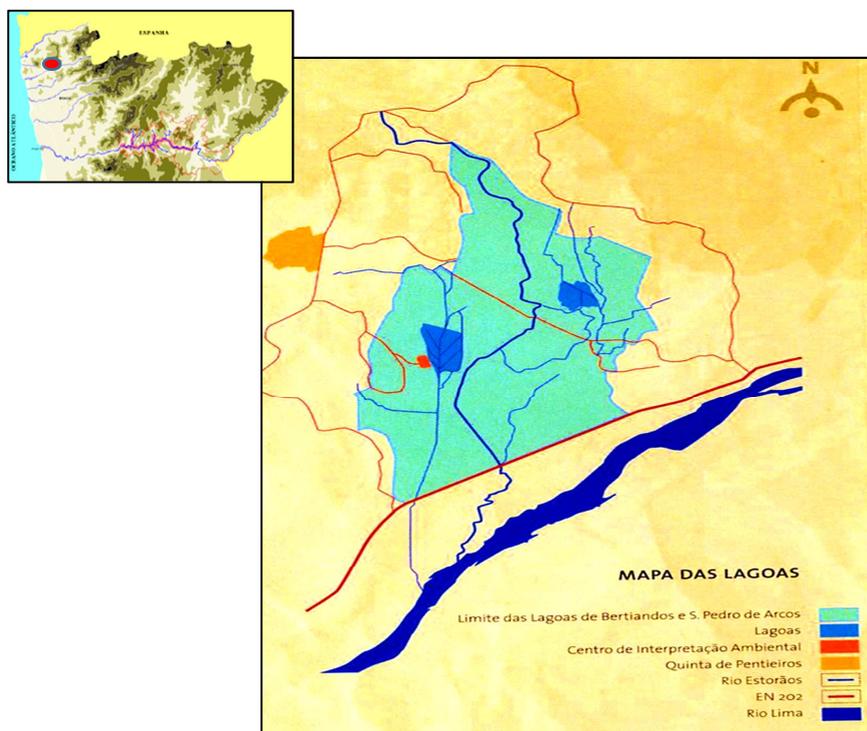
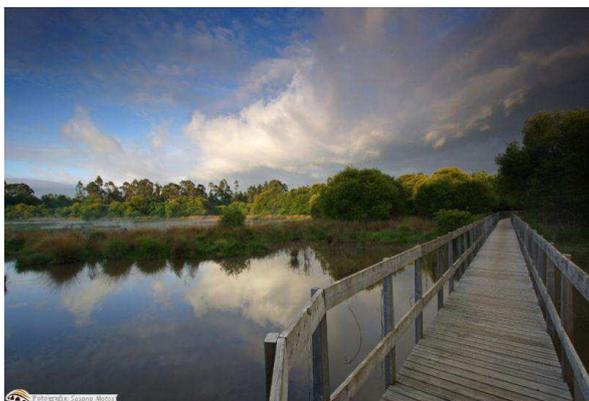


Fig. 1- A Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos”, Ponte de Lima. (Fonte: C.M.P.L.)

A Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos tem como objetivo a preservação de numerosos vestígios da presença humana e de um quadro faunístico e florístico apreciável (508 espécies vegetais), para além da revitalização social e económica desta área, tendo em mente um desenvolvimento integrado e sustentável. Com efeito, sendo um espaço onde o declínio demográfico e o abandono dos prédios agrícolas proliferava, criaram-se SINERGIAS que conjugam a ação de entidades públicas com os privados e a população local, nomeadamente os proprietários agrícolas. Aliás, foi neste sentido que, após a recuperação do património construído e a criação de infra-estruturas e equipamentos, se potenciam as atividades agro-silvo-pastoris e as iniciativas nesta área protegida.

Dando continuidade aos seus objetivos formativos, criaram também em 2005 o SERVIÇO EDUCATIVO, fulcral na sensibilização e educação ambiental para a importância da salvaguarda e valorização do ambiente e do mundo rural. Este objetivo complementa a criação / incremento de hábitos e atitudes com aplicação no quotidiano a favor do desenvolvimento sustentável. Neste contexto, a Câmara Municipal de Ponte de Lima e a Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos (e a Quinta de Pentieiros) desenvolvem múltiplos eventos vocacionados para a população em geral, mas, de modo particular, para a população escolar. Apresentemos alguns:

- concursos (ex: “Horta para todos”, “Um dia no Parque Florestal da Quinta Pedagógica de Pentieiros” - dia mundial da floresta e da árvore);
- acolhimento do projeto “Soy Niño”, abordando diversas temáticas relacionadas com a cidadania infantil;
- workshops de fotografia, birdwatching, ateliês, seminários, oficinas, exposições;
- festejos de dias especiais como Dia Mundial da Água; S. Martinho;
- Semana da Floresta e da Água;
- percursos pedestres e ciclovias;
- publicação de “Uma escola do Ambiente, Natureza e Mundo Rural”, em 2010, que corresponde a uma avaliação do percurso realizado e à divulgação do projeto;
- recuperação da produção tradicional de sidra para dinamizar a economia local;
- em 2011, no Dia Internacional das Zonas Húmidas, deu-se início ao “CONSERVAR COM JUSTIÇA”, ideia a favor da conservação da natureza e da biodiversidade, mas também das empresas e dos cidadãos, nomeadamente dos proprietários rurais; dadas as restrições impostas através deste projeto, criaram-se instrumentos financeiros destinados à compensação destes proprietários pelas eventuais restrições a que estão sujeitos;
- ...



Fotos 3 e 4 – Uma imagem das lagoas e de alguma da sua fauna.
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1405710>



Foto 5- Uma das infraestruturas criadas, o Centro Interpretativo.
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1405710>

O projeto pedagógico da Quinta de Pentieiros

Dado o sucesso da iniciativa anterior e na sua sequência, surgem outros projetos como a QUINTA DE PENTIEIROS, e outros privados. Na verdade, rapidamente se sentiu a necessidade de complementar a iniciativa camarária com outras, onde não só a vertente ambiental e formativa / lúdica estivesse presente, mas também a social e a económica. Neste sentido, nas freguesias de Estorãos, Bertianos e S. Pedro de Arcos mas, sobretudo, na Quinta de Pentieiros, disponibilizam-se:

- equipamentos de lazer, demonstrações e experimentações de técnicas e culturas agrícolas e florestais, ou de pecuária;
- alojamentos de diferentes tipologias (Parque de Campismo, Albergue, Bungalows);
- Centro de Acolhimento,
- Azenha;
- Campo de Férias inseridas no Centro Educativo, construído em 2012, designado “Centro Educativo das Lagoas”;
- polidesportivo e BikePark;
- percursos pedestres e ecovias;
- Quinta Pedagógica com parque de animais domésticos, estábulos e cavalariças, picadeiro, galinheiro, horta pedagógica, estufa, pomares, jardins, campos de aromáticas, viveiros, ...
- existência de TER;
- Restaurante e Centro Aventura (investimentos privados);



Fotos 6 a 9 - Algumas imagens de atividades e de alojamento disponibilizado.
<https://www.google.pt/search?q=penteeiros&espv=2&biw=1366>

Outras iniciativas:



Fotos 10 e 11 - Exposição no Centro Cultural de Bertiandos e Restaurante "Recanto das Lagoas".
(<http://www.bertiandos.net/index.php>)

.....

Assim se preservam numerosos vestígios da presença humana e um quadro faunístico e florístico apreciável, sob a ação conjunta das autarquias, das escolas e da população civil e empresarial. São áreas preservadas que se desenvolvem em torno de cenários paisagísticos

excepcionais, onde predomina uma fauna e flora a realçar, e onde se tenta recuperar/revitalizar espécies em extinção, enquanto se possibilita também a perceção de distintas ocupações dos espaço agrícolas (“tapadas” e “veigas”, por exemplo), bem como diferentes quadros sociais e empresariais que se estavam a desvanecer.

É, em síntese, um espaço onde a interação entre a natureza e a atividade humana possibilita a preservação e manutenção de uma elevada biodiversidade, transformando-se num pólo de educação e de animação ambiental que já se faz acompanhar por outras iniciativas de âmbito económico e social apreciáveis.

Bibliografia e webgrafia

Direção Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência – Governo de Portugal (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Disponível em <http://www.dgidec.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>. [Acedido em 16.02.2016].

NETO, A. C., FILHO, F. D. M. & BATISTA, M. S. S. (Orgs.). (2010). *Educação ambiental: caminhos traçados, debates políticos e práticas escolares*. Brasília: Liber Livro Editora.

PINA, Helena (2008). *A Ribeira Lima: que estratégias adoptar para a sua revitalização?*, Universidad de Alcalá de Henares, Madrid www.geogra.uah.es/web_11_cig/cgXICIG/docs/01-PDF

PINA, Helena, (2014), “*The Douro and Lima Valleys (northern Portugal): two distinct territorial units, two superb examples of heritage, two different sustainable development strategies*” in Proceeding “Third International Conference “Geographical Sciences and Education, University of Shumen, Bulgária)

RAMOS, M. C. P. (2012). Educação ambiental, empregos verdes e sustentabilidade. In Serafim, J. F. & Santana, S. R. Lima (Orgs.) *Representações do Meio Ambiente - Clima, Cultura, Cinema*, (pp. 15-36). Salvador: EDUFBA.

UNESCO-UNEP (1994). International Environmental Education Programme - Environmental Education Series 22. *Procedures for developing an environmental education curriculum*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001304/130454eo.pdf>. [Acedido em 24.04.2015].

WALS, A. (2009). United Nations Decade of Education for Sustainable Development (DESD, 2005-2014) Review of Contexts and Structures for Education for Sustainable Development 2009. Learning for a sustainable world, Paris: UNESCO.

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1405710>

<https://www.google.pt/search?q=penteeiros&espv=2&biw=1366>

<http://www.bertiandos.net/index.php>